

# Vivências de prazer de socorristas no convívio com a dor e sofrimento alheio: Prazer, dor e sofrimento

*Life experiences of rescuers in the conviviality with the pain and suffering of others: Pleasure, pain and suffering*

**Simone Maria Moura Mesquita, Katia Barbosa Macêdo, Carolina Martins dos Santos**

## Resumo

Este estudo teve por objetivo identificar as vivências de prazer no trabalho de socorrista em um Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU) 192 em funcionamento na Região Centro Oeste do Brasil. A abordagem teórico-metodológica foi a Psicodinâmica do Trabalho. A coleta de dados foi realizada a partir de três sessões de escuta clínica coletiva, com 14 participantes. As falas foram gravadas, transcritas e analisadas pela análise clínica do trabalho proposta por Dejours. Identificou-se como fatores propulsores e potencializadores das vivências de prazer, essencialmente: o reconhecimento e o sentido positivo que atribuem ao labor. Os achados indicam que a organização do trabalho tem oferecido condições para os socorristas mobilizarem sua subjetividade em busca do prazer.

## Palavras-chave

prazer, trabalho, psicodinâmica.

## Abstract

*The aim of this study was to identify the experiences of pleasure in the work of rescuers in a Mobile Emergency Care Service (SAMU) 192 in operation in the Central West Region of Brazil. The theoretical-methodological approach was the Psychodynamics of Work. Data collection was performed with 14 participants from three sessions of collective clinical listening. The speeches were recorded, transcribed and analyzed by the clinical analysis of the work proposed by Dejours. Essentially, the recognition and the positive sense that is attributed to their work was identified as propelling and potentiating factors of the experiences of pleasure. The findings indicate that work organization has provided conditions for rescuers to mobilize their subjectivity in search of pleasure.*

## Keywords

*pleasure, labor, psychodynamics.*

**Simone Maria Moura Mesquita**

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - Campus Anápolis

Atua como docente no Curso Superior de Tecnologia em Logística e Curso Técnico em Comércio Exterior do Instituto Federal de Goiás - Câmpus Anápolis, Graduada em administração com habilitação em Marketing, Mestra em Ecologia e Produção Sustentável, Doutora em Psicologia.

[sihoedu@yahoo.com.br](mailto:sihoedu@yahoo.com.br)

**Katia Barbosa Macêdo Barbosa Macêdo**

Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Doutor em Psicologia (Psicologia Social) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1999), pós-doutorado em psicologia pela Unicamp. Atualmente é pesquisadora convidada da Universidade Estadual de Campinas, professora assistente da Sociedade de Psicanálise de Brasília e professora titular da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

[katiabarbosamacedo@gmail.com](mailto:katiabarbosamacedo@gmail.com)

**Carolina Martins dos Santos**

Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Psicóloga, Bacharel e Licenciada, Mestre e Doutoranda em Psicologia PUC/GO, Especialista em Psicopedagogia, Psicodrama Psicoterápico, Psicologia Organizacional e do Trabalho, MBA-Recursos Humanos e Gestão de Pessoas por Competências e Coaching. Pesquisadora, Professora, Psicóloga clínica e Consultora especializada em Recursos Humanos, realiza palestras em diversos temas relacionados a psicologia.

[camasapsi@hotmail.com](mailto:camasapsi@hotmail.com)

## Introdução

O Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU) 192 foi instituído no Brasil, em Municípios e regiões do território nacional no ano de 2004, por meio do decreto nº 5055 27/04. A finalidade de sua criação foi à implementação de ações com maior grau de eficácia e efetividade na prestação de serviço de atendimento à saúde de caráter emergencial e urgente. O acesso nacional ao SAMU é realizado pelo número telefônico 192 (exclusivo das centrais de regulação médicas), disponibilizado 24 horas pela Agência Nacional de Telecomunicações (BRASIL, 2004).

O processo de atendimento do SAMU 192 envolve várias fases e começa a partir do chamado telefônico, quando são prestadas orientações sobre as primeiras ações. Após a constatação da emergência, são coletadas informações sobre as vítimas e sua localização, e encaminhadas ao Médico Regulador. Então, há orientações às vítimas e indicação do tipo de veículo mais adequado e equipe multidisciplinar mais indicada para prestar o atendimento, dependendo da especificidade e gravidade (BRASIL, 2017).

Os profissionais que atuam no SAMU 192 têm sido submetidos, segundo estudo de Guimarães, Silva e Santos (2015), a plantões extensos de trabalho em turnos alternados (diurno e noturno); a deslocamentos em veículos mal conservados e em estrutura viária deficiente; ao contato com agentes infecciosos; a situações de intimidação e ameaças de usuários do SAMU 192 e da população que assistem aos atendimentos; e também, segundo Melo e Magalhães (2016) a esforços com posturas corporais inapropriadas. Além disso, conforme Ortiga (2014) enfrentam situações desgastantes em decorrência da resistência dos profissionais da rede de saúde em receber pacientes e com, segundo Brasil (2017), vítimas em elevado estado de sofrimento.

Partindo da complexidade da atuação destes profissionais este artigo se propôs a responder as seguintes perguntas: Os socorristas do SAMU 192 na sua relação com o trabalho vivenciam o prazer? Quais fatores condicionam a experiência de prazer, caso haja, dos trabalhadores do SAMU 192.

As vivências de prazer emergem da sensação de bem-estar que o trabalho produz no corpo, na mente e nas relações sociais e se manifestam por meio da gratificação, da realização, do reconhecimento, da liberdade e da valorização no trabalho (FREITAS; FACAS, 2013) do bom relacionamento entre os colegas, da colaboração e vínculo de confiança, pelo sentimento de respeito dado a si próprio, o trabalhador, pela identificação que têm com a profissão, pela possibilidade de ajuda ao outro (MAXIMO; CANÇADO; JEUNON, 2012).

O poder dos trabalhadores de agirem, administrarem livremente suas atividades e o reconhecimento do trabalho executado, são fatores que viabilizam vivências de prazer (DEJOURS, 1997). O trabalho não é apenas produzir, mas uma ocasião oferecida à subjetividade do trabalhador para que o mesmo se realize (DEJOURS, 2012). Qualquer que seja o trabalho, sob o ponto de vista de Dejours (2016), deve proporcionar prazer para quem o efetiva, sendo uma fonte de realização profissional e pessoal. Logo, as vivências de prazer no trabalho pelo trabalhador, tornam-se imprescindíveis.

Convém destacar que “a procura do prazer e a fuga do desprazer constituem uma aspiração constante para o trabalhador, em virtude das requisições instituídas no processo, nas relações e na organização do trabalho” (AZEVEDO; FIGUEIREDO, 2015, p. 33). O prazer faz parte da mobilização subjetiva do sujeito conforme conceituado em Psicodinâmica do Trabalho. Esta abordagem teórico-metodológica “tem por objetivo, o estudo das relações entre condutas, comportamentos, experiências de

sofrimentos e de prazeres vividos por um lado, e organização do trabalho e relações sociais de trabalho por outro” (DEJOURS, 2011, p. 343).

Inserida no campo da Psicologia Organizacional e do Trabalho, a referida abordagem busca entender a relação entre trabalho e a subjetividade do trabalhador. Para Macêdo e Bueno (2016), o ponto de partida dessa análise é a organização do trabalho, na tentativa de compreender como são produzidos os processos de subjetivação, as patologias e a saúde. Seu princípio metodológico fundamental é a escuta e a interpretação da fala dos trabalhadores. Para Ferreira (2012) o foco da investigação a partir desta clínica são as estratégias de mediação utilizadas pelos trabalhadores para ressignificar/superar o sofrimento e transformar o contexto laboral em uma fonte de prazer.

A relação do trabalhador com o seu trabalho oportuniza vivências de prazer. Mas a experiência do sofrimento é constante e o mesmo antecede ao prazer. Isto acontece porque a concepção, o planejamento e organização da tarefa não atendem à realidade do trabalho. Ou melhor, entre o trabalho prescrito e o trabalho real existe uma lacuna que nunca é definitivamente preenchida. Sobrevêm sempre, em todas as situações de trabalho, dificuldades e incidentes imprevistos que proporciona experiências irritantes, desagradáveis, desesperadoras. Nas situações reais de trabalho o sofrimento e o prazer, normalmente, coexistem (DEJOURS, 2012). Quando o trabalhador consegue lidar com o sofrimento e satisfazer suas necessidades e/ou desejos, ele pode adentrar-se no campo do prazer.

As pesquisas envolvendo vivências de prazer no trabalho com socorristas do SAMU 192 são pouco frequentes. No período de 2012 até 2016, 34 artigos foram publicados em periódicos revisados por pares, em língua portuguesa, no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes. Deste total, as produções que se aproximam da proposta do presente artigo é de Alves, Rocha, Ribeiro, Gomes e Brito (2013) que identificaram os aspectos positivos e negativos do trabalho dos enfermeiros socorristas e de Arnemann e Winter (2012) que buscou compreender como o prazer e o reconhecimento se articulam no processo de ressignificação do sofrimento no trabalho. Diante disto, os objetivos do presente estudo foram: identificar as vivências de prazer, em relação ao trabalho de socorrista em um SAMU 192 no Brasil; descrever as vivências de prazer, caso haja, bem como os fatores que condicionam tais vivências.

Este estudo favoreceu um espaço de diálogo entre o coletivo de trabalhadores que fazem intervenções, suporte avançado, para manter a sobrevivência das vítimas. Ademais, permitiu fortalecer a abordagem teórico-metodológica adotada e ainda a produção de informações relevantes sobre as vivências de prazer no trabalho destes profissionais.

## Método

Trata-se de um estudo de caso de caráter descritivo e exploratório, embasado na abordagem teórica e metodológica da Psicodinâmica do trabalho. Utilizou-se a análise documental, entrevistas individuais e realizou-se três sessões de escuta clínica coletiva (em dezembro de 2015) com 14 profissionais: Enfermeira 1 (E1), Enfermeira 2 (E2), Enfermeira 3 (E3), Médico 1 (M1), Médico 2 (M2), Médico 3 (M3), Médico 4 (M4), Médico 5 (M5), Médico 6 (M6), Condutor Socorrista 1 (CS1), Condutor Socorrista 2 (CS2), Motolante 1 (ML1), Motolante 2 (ML2), Motolante 3 (ML3). A condução das sessões com o grupo de participantes foi subsidiada por questões disparadoras elaboradas a priori.

A demanda foi construída a partir do contato com os trabalhadores do SAMU 192, a adesão foi voluntária. As verbalizações foram gravadas em áudio, depois transcritas e posteriormente submetidas à análise clínica do

trabalho com base em Dejours (1997, 2011, 2012, 2016). A validação dos dados foi feita durante a pesquisa e ao final da mesma. O presente estudo seguiu os preceitos de eticidade com a aprovação do mesmo pelo comitê de ética em pesquisa e anuência dos sujeitos pesquisados formalizada via assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido. Os dados foram analisados a partir da Análise Clínica do Trabalho, conforme Dejours (2012). É importante salientar que utilizou-se a triangulação de juízes tanto na coleta, transcrição, análise e validação dos dados.

## Resultados e discussão

As análises clínicas sinalizam que o trabalhar dos profissionais do SAMU 192 é constituído de experiências de prazer geradas essencialmente por duas vias: pelo reconhecimento do trabalho executado (proferido pelos próprios trabalhadores; por colegas da equipe - entre pares -; pela coordenação geral atual; pela sociedade; pelos atendidos e suas famílias e pelo governo) e pelo sentido positivo atribuído ao trabalho.

### a) Prazer pelo reconhecimento do trabalho

O reconhecimento parece ser operante e significativo no coletivo de trabalhadores estudado, pois os dois tipos de julgamentos foram detectados: o de utilidade, relacionado à linha vertical constituída por superiores hierárquicos e usuários e o de estética, vindo de uma linha horizontal, isto é, dos colegas e pares.

Os relatos dos participantes indicam que o dispêndio de energias físicas e mentais nas atividades laborais é reconhecido simbolicamente por eles próprios/auto reconhecimento que consideram o trabalho importante e suas funções úteis, essenciais na sobrevivência das vítimas:

Tenho importância [...] na sobrevivência do paciente [...] no diagnóstico [...] (M6).

O reconhecimento ele vem também de você [...] é a maior recompensa de você saber que teu estudo [...] trabalho, a tua dedicação está sendo reconhecida por você também, como ser humano (M4).

Para sentir o prazer de salvar alguém, os motolantes, suportam muitas adversidades: sol, chuva, trânsito caótico por considerarem o trabalho, realizado por eles, importante no processo de atendimento: “Montar numa moto [...] e ir num atendimento não tem dinheiro que pague” (ML2).

A unidade móvel para atendimento de urgência, motolância, permite aos condutores chegarem o mais rápido possível no local da ocorrência. Diante das dificuldades de mobilidade urbana e da importância do tempo resposta a moto se tornou uma estratégia importante para os deslocamentos de forma rápida. Isso somado à competência da equipe nos procedimentos iniciais faz a diferença na sobrevivência da vítima.

Diversas são as situações em que as motolâncias são acionadas. Uma delas é a intervenção em eventos em locais reconhecidos como de difícil acesso a veículos de urgência (ambulâncias) em razão de características geográficas, condições da malha viária, dentre tantas peculiaridades de cada município/região de abrangência do serviço. Ao desafiarem, com segurança, o trânsito para fazerem os atendimentos, os motolantes experenciam os efeitos da adrenalina no corpo conforme expresso pelo participante ML2: “É bom, a gente gosta de adrenalina”. As falas revelam sentimentos de valorização, dada pelos próprios trabalhadores, de seus esforços e do sofrimento investido para a realização do trabalho.

O estudo de Romanzini e Bock (2010) com enfermeiros do SAMU 192 de Fortaleza revela que quando o atendimento é realizado de forma

adequada, dentro daquilo que é estipulado, com equipe integrada, sem ocorrer falhas significativas, mesmo que não haja sucesso na tarefa de salvar a vida da vítima, o trabalho é considerado positivo para a equipe, porque conseguiu fazer o que tinha que ser feito da melhor maneira possível.

Importante assinalar que dentre os sentimentos de prazer identificados por Garcia, Dellaroza, Haddad e Pachemshy (2012), em pesquisa com técnicos em enfermagem de um pronto socorro do Estado do Paraná, o auto reconhecimento é incluído como fator associado. Isso é recorrente no estudo de Guimarães, Silva e Santos (2015) com condutores socorristas que reconhecem a importância do próprio trabalho, sentem-se recompensados por aliviarem a dor e o sofrimento de outros seres humanos.

Para Dejours (2016) o trabalho nunca é neutro no que se refere à saúde do trabalhador. Pode tanto constituir fator de sustentação da identidade e mantenedor da saúde do trabalhador, quanto promover o adoecimento. Soraggi e Paschoal (2011), comentam que o trabalho pode promover o bem-estar por meio da prevalência de emoções positivas e percepção de realização pessoal e alcance de metas pessoais no trabalho, ou contribuir para a desestabilização, dependendo da forma como é organizado e gerido.

O reconhecimento do trabalho realizado pelos socorristas, com base no julgamento de beleza, proferido pelos colegas e pares, foi recorrente em diversos relatos indicando a existência de uma fonte de prazer:

Os médicos falam bem da gente (ML1).

O reconhecimento mesmo é mais no local de trabalho [...] na sua equipe... (E2).

Reconhecimento [...] entre os colegas é sempre e constante (E3).

Reconhecimento [...] é mais comum entre a equipe em si [...] (M5).

Tais verbalizações enfatizam o reconhecimento da qualidade do fazer mediado pelo o outro por meio do julgamento da beleza. Caso o investimento do trabalhador no seu labor, passe despercebido, ou seja, negado pelos outros, o sofrimento suscitado passa a ser uma ameaça para a saúde mental dos profissionais. Haja vista que o reconhecimento gera sentimento de pertencimento a um coletivo de trabalho e dá sentido ao confronto com o real.

O reconhecimento também emergiu no estudo de Romanzini e Bock (2010) com enfermeiros do SAMU 192 de Porto Alegre. Segundo Dejours (2016) os colegas e pares são trabalhadores que conhecem bem as regras de trabalho e podem julgar a conformidade com sua originalidade em relação às normas em prática. É graças ao reconhecimento sobre o fazer que se pode respeitar e manter relações de cooperação com pessoas.

Para Dejours (2012) o reconhecimento é um combustível necessário para que o trabalhador consiga suportar o real do trabalho. O reconhecimento depende do julgamento dos outros sobre a qualidade do trabalho executado pelo trabalhador, ou seja, sobre o fazer e não sobre o indivíduo. Reitera Gernet (2012) que o reconhecimento do trabalho participa da realização do ser no campo social. Essa dinâmica permite compreender de forma particular como, graças ao trabalho, alguns trabalhadores conseguem consolidar a própria identidade e conjurar, por vezes durante toda a vida, o risco da doença mental e somática.

Na percepção de alguns trabalhadores, o governo ao manter funcionando o SAMU 192 transmite a eles a ideia de reconhecimento sobre o trabalho que realizam. A coordenação geral, do campo de estudo, ao empenhar suas forças para melhorar as condições laborais, sobretudo na aquisição de melhores equipamentos de trabalho, sinaliza para os profissionais a concessão de reconhecimento.

Os dados disponíveis no portal do Ministério da Saúde apontam crescimento do número de municípios atendidos pelo SAMU 192 no Brasil. Em 2013 eram 2.764 cidades, em 2014 aumentou para 2.949, em 2015 o número era de 3.053, em 2016 manteve a mesma quantidade de 2015 (3.053), em 2017 estão sendo contemplados 3.385 (BRASIL, 2017).

Na percepção do participante ML2 “o SAMU é o único projeto que está funcionando, em quase todos os municípios do Brasil [...] com 12 anos de existência”. Essa narrativa indica que o governo, ao insistir em ofertar os serviços pré-hospitalares móveis para a população, está reconhecendo a importância do trabalho dos profissionais que atuam no SAMU 192. Do contrário, já teria eliminado esse tipo de serviço público disponibilizado à sociedade.

O reconhecimento ao trabalho, esforço, dedicação e comprometimento dos motolantes se manifesta também pelas ações da coordenação do SAMU 192 em estudo, conforme relato: “Sempre a coordenadora geral consegue coisas boas para nós, equipamentos bons, capacetes” (ML1). O empenho em fornecer materiais de qualidade é uma forma de reconhecimento interno na hierarquia vertical na percepção deste participante.

Os condutores socorristas do SAMU 192 de Fortaleza sofrem com a falta de reconhecimento de seu trabalho por parte da gestão (GUIMARÃES; SILVA; SANTOS, 2015). Para Ribeiro e Mancebo (2013) a ausência de reconhecimento e de valorização do trabalho que os servidores públicos realizam é motivo de preocupação, pois tem sido cada vez mais comum o trabalho para essa categoria assumir apenas o sentido de porto seguro para atendimento de suas necessidades financeiras frente à instabilidade do mercado.

A busca da satisfação movida pelo princípio do prazer via reconhecimento – elemento chave na construção da identidade do trabalhador – sobre o fazer, proferido pelos outros, é indispensável para que o trabalhador consiga permanecer na normalidade (saúde mental) diante da organização do trabalho. Graças ao reconhecimento, trabalhar não é apenas produzir bens ou serviços, é também “se transformar em si mesmo”. Ao ser reconhecido pelo trabalho realizado, o trabalhador pode, eventualmente, voltar esse reconhecimento de seu saber-fazer para o registro de sua identidade (DEJOURS, 2011, 2012).

Os atendidos e suas famílias se sentem tão agradecidos a ponto de manifestar, via telefone ou pessoalmente, o quão foi importante o trabalho realizado por eles: “Acontece de recebermos ligação de agradecimento [...] até mesmo na ocorrência elogiam” (CS1). “Já teve familiares que veio aqui agradecer pelo atendimento prestado à vítima no local” (CS2). Foi relatado também que “Algumas pessoas [...] escreve uma carta... às vezes sai na imprensa [...]” (M5). “Muitos acham que a gente é anjos, anjos da guarda, anjos da rua” (E1). “Paciente [...] a maioria a gente consegue salvar [...]” (E2).

A família, amigos e curiosos depositam toda confiança deles na equipe socorrista. Os consideram anjos, não celestiais, com habilidades capazes de estabilizar uma vida até que a mesma possa receber melhores cuidados em unidade de saúde habilitada. O cuidado dispensado à vítima repercute na satisfação de dever cumprido junto ao status a eles atribuído. Por estarem salvando vidas às pessoas os veem como anjos salvadores. Isso parece ser central na relação de apego com a atividade humana do trabalho.

O reconhecimento manifestado pelos atendidos pelo SAMU 192 e suas famílias revela ser tímido em decorrência do número de demonstrações recebidas pelos profissionais atuantes. Segundo Rocha (2013), o reconhecimento de usuários e familiares de usuários é percebido e valorizado pelo profissional socorrista, que se sente gratificado e motivado. Afirma Dejourns (2016) que o trabalho não progride somente no mundo objetivo e no mundo social, mas também no mundo subjetivo – o do reconhecimento.

A retribuição simbólica pelo reconhecimento do trabalho dos socorristas vem também de origem externa: “A população é grata pelo o trabalho que a gente faz” (CS2). “[...] reconhece” (ML2). “Saiu na televisão um atendimento que fizemos [...] até hoje tem hora que a gente sai na rua o pessoal vê e pergunta: foi você e tal?” (ML3).

Pode-se dizer que esse reconhecimento não se resume no atendimento propriamente dito, só pelo que pode ser visto, mas do conjunto de procedimentos de engajamento no socorro às vítimas, que envolve a superação de obstáculos, tais como o difícil deslocamento devido ao trânsito e as próprias condições de trabalho, como a falta de equipamentos e outros recursos.

Mesmo com todas essas dificuldades conseguem salvar vidas. Ao serem parados na rua pelas pessoas, os condutores socorristas experenciam momentos de prazer, ou seja, todo o esforço valeu e vale a pena. O estudo de Rocha (2013) revelou que a natureza do trabalho executado e o reconhecimento da população funcionam como fatores de satisfação no trabalho, fortalecendo o espírito de equipe, de coesão e de motivação e de esforço da identidade profissional. Os achados de Melo e Magalhães (2016) indicam que a população, ao reconhecer o trabalho dos profissionais do SAMU 192, viabiliza sentimentos positivos (orgulho daquilo que o trabalhador produz). Esta vivência é determinante para que confirmem sentido ao seu trabalho.

Uma recompensa simbólica, ou mesmo “moral” é o que mobiliza a inteligência do trabalhador e favorece a transformação do sofrimento em prazer (DEJOURS, 2012). Para Merlo (2016) o verdadeiro impacto psicológico está ligado à dimensão emblemática. Este é o verdadeiro reconhecimento qualitativo pelo serviço prestado. Trabalha-se por este reconhecimento, o qual passa por avaliações de julgamentos, emitidas por atores bem precisos com os quais os trabalhadores interagem no trabalho. Somando-se a isto está a afirmação de Ferreira (2011, p. 53): o “reconhecimento no trabalho contribui para o desenvolvimento e a consolidação da identidade individual e coletiva dos trabalhadores, e neste sentido, agrega sentido humano ao trabalho”.

A esfera social, familiares e amigos, também reconhece a importância do trabalho de socorrista do SAMU 192: “O reconhecimento vem mais de familiar que te admira pelo o que você faz [...] pelo [...] ciclo de amizades que realmente reconhece [...]” (E2). “Por parte da minha família eu tenho reconhecimento [...]” (E1). Estas falas indicam que os esforços empreendidos na execução do trabalho têm sido reconhecidos primeiramente pela família e depois pelos amigos que os admiram e respeitam.

Segundo Edwards e Rothbard (2000) o indivíduo infeliz no trabalho, procura satisfação e recompensas na esfera familiar. Para Dejours (2012) o trabalho atua junto com o sofrimento e o reconhecimento. Se o reconhecimento não surge, os trabalhadores engajam-se em estratégias defensivas para evitar a doença mental, com implicações sérias para a organização do trabalho.

#### b) Prazer pelo sentido positivo atribuído ao trabalho

O trabalho constitui a identidade do trabalhador. Dependendo do sentido que lhe é atribuído, se há predominância de vivências de prazer ou de sofrimento, pode contribuir para o trabalhador se sentir realizado, reconhecido, ou sobrecarregado e explorado.

Pelas verbalizações foi possível identificar que os profissionais em estudo vivenciam o prazer pelo sentido positivo que atribuem ao seu trabalho. Cada um atribui um significado para aquilo que faz: “O trabalho representa o ganha pão [...] e a expectativa de vida que eu criei pra mim desde a faculdade” (M1). “É uma coisa que dá muito prazer de fazer [...] o pré-hospitalar é muito bacana, é apaixonante [...]” (M5). Enfatizaram outros

trabalhadores: “Salvar uma vida [...] é uma realização [...] é gratificante” (E2). “Sou apaixonado no que faço [...] não sei fazer outra coisa só trabalhar com urgência e emergência” (ML2). “Faço o que eu gosto [...] com muita boa vontade [...]” (ML3).

Nos trechos supracitados é possível compreender que sentido do trabalho vai além do atendimento às necessidades financeiras, sendo seu conteúdo significativo e singular para cada indivíduo. Todos afirmam que fazem o que gostam e sonham fazer um dia. O trabalho, para eles, representa uma possibilidade de realização pessoal. Esta característica, pode-se dizer, é central para estimular o trabalho dos socorristas, é a que dá sentido à sua profissão no SAMU 192.

Percebe-se, pelas falas, a presença de uma sincronia entre o trabalho e o prazer experienciado. Mesmo diante das imprevisíveis circunstâncias, que desencadeiam sentimentos de insegurança, temores e ansiedade, os participantes atribuem significado positivo ao trabalho pelo prazer que o mesmo proporciona.

Para o participante M1 o trabalho é condição essencial para suprir suas necessidades financeiras e atender sua expectativa criada quando era acadêmico. Na perspectiva do participante M5 o trabalho representa felicidade, bem estar. Este estado psicológico indica a presença de aspectos positivos na experiência laboral deste trabalhador. O trecho, a seguir, embasa tal compreensão: “Vou embora para casa [...] feliz, vou cantando” (M5). Mesmo depois de um dia de trabalho convivendo com o sofrimento das vítimas, e por vezes com óbitos, o participante M5 consegue se sentir feliz.

É muito importante que o trabalhador identifique-se com o seu trabalho. Isso favorece experiências prazerosas no labor. Para o participante M6 o trabalho, no SAMU 192, tem sentido de relaxamento e tranquilidade: “Quando eu estou vindo pra cá normalmente é a hora que eu fico mais relaxada, mais tranquila” (M6). O estado de calma e relaxamento emerge justamente na hora em que está indo para o trabalho no SAMU 192. Isto significa que o trabalho promove momentos favoráveis a sua saúde.

Os participantes também atribuem valor a seu fazer profissional pelo sentido de ajuda concedido às pessoas: “Sempre bom ajudar as pessoas [...] a gente quer chegar ao local e socorrer. A gente esquece a família, esquece o que está ao seu redor e quer chegar” (CS1). O sentido positivo do trabalho, atrelado a isso também recorreu nas falas de outros participantes: “O papel nosso é salvar vida, chegar lá e estabilizar uma vida e deixá-la seguir o seu trajeto” (ML2). “É muito gratificante você estar ajudando o próximo [...]”. “Você quer sempre ajudar” (ML3).

De acordo com os relatos, pode-se afirmar que esses trabalhadores se sentem úteis no trabalho, que suas tarefas são significativas para eles e para as pessoas atendidas e que apesar das características da tarefa (fraturas, paradas cardiorrespiratórias, baleados) eles as consideram agradáveis pelo sentido que atribuem ao trabalho. Consideram as atividades que realizam como muito importantes.

O aspecto da generosidade aflorou na fala de alguns participantes como um dos sentidos positivos do trabalho: “A gente se coloca no lugar da pessoa que está lá do outro lado” (CS1). “[...] já cheguei a levar paciente numa situação tão precária que eles não tinham dinheiro para comer e nem para voltar para casa [...] dei dinheiro [...]” (CS2). O envolvimento dos trabalhadores com o trabalho é tão acentuado que os mesmos tiram de si para doar aos outros. Mesmo tendo uma remuneração insatisfatória ainda conseguem ajudar alguém.

As declarações de alguns participantes reafirmam a importância que o trabalho representa em suas vidas. O vício pela adrenalina ultrapassa os



limites do trabalho. Nem quando está de férias, o participante ML2 consegue se desligar do trabalho: “Férias você passa 30 dias longe [...] a gente sente falta [...] é um vício. Então você está na abstinência. Montar numa moto [...] e ir num atendimento não tem dinheiro que pague” (ML2). Outros participantes também sinalizaram o trabalho como fonte de prazer: “Pra mim o SAMU é tudo. Quando você sai de casa ou do outro trabalho para vim pra cá já vem com o coração alegre” (CS2). “A gente cansa, mas é gratificante [...] é um cansaço que é bom demais” (ML3).

O trabalho assume aqui uma condição de centralidade, haja vista que sua ausência provoca sofrimento, como bem foi verbalizado pelo participante ML2. Essa dificuldade de se desligar do trabalho, mesmo estando fora dele, parece indicar que o participante ML2 possui um comportamento *workaholic* (trabalhador viciado em trabalho; compulsivo e dependente do trabalho):

Eu sou apaixonado pelo serviço de atendimento móvel [...]. Fiquei quatro meses de licença médica e quando eu ouvia a sirene da ambulância eu pensava: nossa poderia estar ali dentro, ficava louco para entrar, louco para ir num atendimento (ML2).

Pode se considerar que o risco do desequilíbrio entre trabalho e lazer se faz presente.

Outro significado atribuído ao trabalho é a sensação do dever cumprido: “Você põe sua cabeça no travesseiro e dorme” (ML2). “Você tem sua consciência boa” (ML3). Cumprir as atribuições inerentes à função que exercem é de vital importância para que os condutores socorristas de ambulância e motolância possam ficar com a consciência tranquila e descansar. Na realidade experienciam sentimentos de satisfação por estarem salvando vidas. A confiança da família e amigos da vítima, depositada nestes profissionais, os fazem se sentirem como anjos salvadores. A pesquisa de Lima et al. (2015) com profissionais do SAMU Aéreo de Teresina, Estado do Piauí, revelou que os mesmos se sentem satisfeitos e realizados, demonstram sentimentos de prazer pelo trabalho, se identificam com o que fazem, são comprometidos com o outro e revelam a sua alegria quando ajudam a salvar vidas.

Emergiu também na escuta clínica o aspecto positivo completude e importância. Para os participantes, o trabalho realizado pelo SAMU é mais completo e importante do que aqueles realizados por outro tipo de organização pública de atendimento à população: “O SAMU foi criado para atender casos clínicos. O bombeiro trauma. Mas depois [...] o SAMU está com os clínicos e com os traumas” (CS1). “O SAMU [...] eu acho que é o único projeto no Brasil certo, que anda [...]” (ML2).

Numa ocorrência em que a vítima de acidente está viva e presa entre as ferragens, precisa-se chamar o corpo de bombeiros, pois as equipes do SAMU 192 não possuem equipamentos para cortar a lataria do veículo. Neste caso, a vítima é retirada pelo corpo de bombeiros e a equipe do SAMU 192 faz os procedimentos para manter a sobrevivência do atendido. Desta forma, as equipes do SAMU são preparadas para estabilizar a vítima, já o corpo de bombeiros possui especialistas em resgate de vítimas em situações em que o acesso até elas pela equipe do SAMU é comprometida por diversas razões. Dependendo da cena em que se encontra a vítima, o trabalho do SAMU 192 não pode ser realizado. O corpo de bombeiros, nas situações em que é necessário sua atuação, é primordial para que as equipes do SAMU 192 possam realizar os procedimentos necessários para estabilizar a vida da vítima.

Para além do prazer o trabalho representa “responsabilidade enorme nas mãos” (M4). “Porque você tem uma vida, você precisa manter essa vida

[...]” (E2). Lidar com vidas em estado de sofrimento físico ou psíquico exige um conjunto de técnicas cautelosas que mantém em certas ocorrências a vida da vítima ou não, isso vai depender do estado o qual a mesma se encontra. No momento do atendimento o médico e sua equipe têm vida e morte na mão. Essa situação, de certa forma, gera um peso alto de responsabilidade para o médico intervencionista e enfermeira que lidam diretamente com os procedimentos protocolares de socorro.

A possibilidade de realizar atividades consideradas úteis e gratificantes dá sentido positivo ao trabalho dos participantes: “É bastante gratificante você chegar e fazer o atendimento é tudo de bom” (E1). “Fácil não é não, mas é gratificante [...] vale a pena [...] eu acho fantástico apesar de alguns problemas [...]” (M5). As falas indicam que o trabalho vale a pena, mesmo encontrando dificuldades em sua execução. Pode-se dizer que o trabalho é interessante, útil, dá prazer e é valorizado pelos membros da equipe de socorro. Então, a profissão oferece a esses trabalhadores a possibilidade de realizar algo que tenha sentido.

O trabalho representa também integração. O núcleo de competência de cada profissional (médico, enfermeira, condutor socorrista) deve estar integrado em uma ação conjunta para salvar vidas. E isso ocorre, como bem afirma a participante E3: “É um trabalho em equipe, realmente um trabalho em equipe. Não existe o seu serviço e o meu serviço. Todo mundo junto em prol do paciente [...]”. Essa integração revela que entre os pares existe o reconhecimento da importância do trabalho, por eles executado, concedendo sentido positivo a execução das atividades desenvolvidas no SAMU 192.

Para o participante M5, “às vezes é melhor ter plantão do que ficar em casa (M5)”. Essa analogia permite compreender que o trabalho é um refúgio e um abrigo prazeroso que se apresenta melhor do que o próprio lar. Mesmo oferecendo sensação de conforto, proteção, relaxamento, bem-estar físico e emocional o espaço doméstico por vezes não é o preferível.

O serviço rotineiro de consultório não agrada aos participantes. Para estes profissionais o trabalho que dá prazer, promove satisfação e tem sentido é aquele com características desafiadoras e que promove resultado imediato:

Não tenho perfil [...] de ter consultório [...] eu gosto [...] de coisas diferentes [...] exercer [...] várias partes da medicina [...] (M6).

Se me colocar dentro do consultório eu fico doido [...] (M5).

Eu não tenho [...] perfil de consultório [...] gosto muito de urgência e emergência [...] (M4).

De acordo com os relatos, compreende-se que existe um encontro de oportunidades na atividade de trabalho realizada pelos médicos. Atuarem no SAMU 192 significa satisfazerem suas necessidades de viver situações limites, diferentes, desafiadoras que estimulam a liberação do hormônio adrenalina, fazendo-os se sentirem vivos, importantes, fundamentais. Os infortúnios das vítimas produzem sentido ao trabalho dos socorristas, pois as atividades que eles realizam objetivam tirar ou amenizar o sofrimento do outro. Existe uma relação dicotômica entre sofrimento e prazer. Quanto mais difícil o caso, mais prazeroso se torna o trabalho.

Quando solicitados, a equipe do SAMU 192 assume os primeiros socorros da vítima, estabiliza-a e faz a condução da mesma até uma unidade de saúde habilitada a recebê-la. O trabalho de atendimento é fundamental para a sobrevivência e recuperação do paciente. Essa ação humanizada, dos profissionais é muito importante e fortalece o sentido do trabalho: “Tenho importância [...] na sobrevivência do paciente, pro diagnóstico do paciente [...]”

(M6). “Antes de aposentar eu vou ficar aqui até quando eu conseguir. Enquanto não mandar eu embora [...] não quero sair daqui não” (E2).

Beneficiar alguém que necessita de cuidados emergenciais é essencial para a equipe intervencionista, médico e enfermeira. Se sentir útil e importante desperta e mantém o interesse dos mesmos em realizar o trabalho. Isto significa que os motivos que os conduzem a enfrentar os desafios de cada ocorrência, o ato em si de trabalhar, estão relacionados com o sentido da importância.

Segundo Gernet (2012, p. 62) “a transformação do sofrimento em prazer se torna possível pela interpretação do sentido dado à tarefa”. Para Morin (2001) um trabalho que tem sentido é feito de maneira eficiente e leva a alguma coisa, é intrinsecamente satisfatório, é moralmente aceitável, é fonte de experiências de relações humanas satisfatórias, garante a segurança e a autonomia, é um trabalho que mantém o trabalhador ocupado.

Além disso, o significado positivo do trabalho promove prazer a quem o exerce, a pessoa gosta de suas atividades e aprecia o que faz. O sentido de satisfação no trabalho está relacionado à contribuição pessoal do indivíduo para o próprio labor. Ademais, o trabalho faz sentido se quem o executa tem a sensação de superar desafios e perceber sua contribuição e responsabilidade no trabalho executado (MORIN; TONELLI; PLIOPAS, 2007).

Ao estar “carregado de sentido o trabalho torna-se auto realizador, vincula o homem a esferas que vão além da subsistência e das necessidades materiais humanas e cria a oportunidade de aproximação do sujeito ao grande potencial de desenvolvimento humano” (ARAÚJO; LEAL, 2009, p. 1). Mas “quando o trabalho perde o sentido, a própria vida tende a perder seu sentido, dado o lugar central que este ocupa em nossas vidas” (UCHIDA, 2007, p. 112).

## Considerações finais

Por meio dos resultados desta pesquisa, foi possível perceber que os socorristas do SAMU 192, atendimento avançado, vivenciam situações de prazer no trabalho mesmo desenvolvendo suas atividades em plantões extensos de turnos alternados (diurno e noturno); deslocando em veículos mal conservados e em estrutura viária deficiente; expostos à agentes infecciosos, violência externa, estresse; lidando com a resistência dos profissionais da rede de saúde em receber pacientes e com vítimas em estados de sofrimento. Então, a realidade laboral desses profissionais não se resume a aspectos financeiros, frustrações, contradições, mas também ao prazer, questão central na motivação para o trabalho.

O esforço dos socorristas tem sido reconhecido primeiramente por eles próprios, por colegas da equipe (entre pares), pela coordenação geral atual, pela sociedade, pelos usuários e famílias de usuários e o governo. Pode-se dizer que a vivência de ser valorizado ou reconhecido sustenta o compromisso e o envolvimento com o trabalho. Mesmo com todas as dificuldades apresentadas conseguem salvar vidas. Assim, os profissionais experenciam momentos de prazer, ou seja, todo o esforço valeu e vale a pena.

Percebe-se, pelas falas, a presença de uma sincronia entre o trabalho e o prazer experienciado. Mesmo diante das imprevisíveis circunstâncias, que desencadeiam sentimentos de insegurança, temores e ansiedade, os participantes atribuem significado positivo ao trabalho pelo prazer que o mesmo proporciona. Parece que a atribuição de sentido positivo ao trabalho é mais diretamente devido à percepção do reconhecimento e do significado (valor) atribuído ao trabalho; o prazer é decorrente dessa experiência.

Compreende-se que os trabalhadores estudados se sentem úteis no trabalho, que suas tarefas são significativas para eles e para as pessoas atendidas e que apesar das características da tarefa (fraturas, paradas cardiorrespiratórias, baleados) eles as consideram agradáveis pelo sentido que atribuem ao trabalho. Consideram as atividades que realizam como muito importante.

Pode-se dizer que o trabalho é interessante, útil, dá prazer e é valorizado pelos membros da equipe de socorro/intervenção. Então, a profissão oferece a esses trabalhadores a possibilidade de realizar algo que tenha sentido. Há homogeneidade de experiência, relacionada com o reconhecimento e sentido do trabalho, para os participantes da pesquisa.

A abordagem teórico-metodológica da Psicodinâmica do Trabalho, com o seu método clínico, se fez coerente para identificar as vivências de prazer, visto que a mesma viabiliza o acesso às vivências subjetivas dos trabalhadores em relação ao seu trabalho por meio de um espaço de discussão, onde a fala (palavra dos trabalhadores) é o elemento central para revelar as experiências vividas no trabalho, as quais incluem o prazer. O espaço da fala favoreceu reflexões sobre o prazer, desenvolveu a empatia entre os trabalhadores e contribuiu para ampliar a compreensão do sentido positivo do trabalho para cada participante.

Como toda pesquisa, esta também se deparou com limitações, mas que não produziram prejuízos à mesma. A principal delas decorreu da dificuldade de conciliar os horários das sessões clínicas com os horários dos trabalhadores participantes. Os mesmos atuam em outros empregos, além do SAMU 192, e os plantões acontecem em turnos (diurno e/ou noturno) durante a semana, fins de semana, feriados.

Para estudos futuros sugere-se investigações sobre os aspectos da organização e gestão do trabalho de outros SAMUs 192 que têm favorecido as vivências de prazer. Considerando que no presente estudo não se preocupou em examinar as estratégias utilizadas pelos trabalhadores para lidar com as dificuldades do “trabalho real” que, quando bem sucedidas, também produzem sentimentos de potência e de prazer.

Assim sendo, mais informações serão disponibilizadas ao público interessado, viabilizando discussões que possam concretizar mudanças nas relações laborais a fim de ampliar possíveis fatores que possibilitem aos trabalhadores o prazer pelo trabalho e, conseqüentemente, a construção e/ou manutenção de sua saúde mental.

## Sobre o artigo

**Recebido:** 03/10/2019

**Aceito:** 19/11/2019

## Referências bibliográficas

ALVES, M.; ROCHA, T. B.; RIBEIRO, H. C. T. C.; GOMES, G. G.; BRITO, M. J. M. Specificities of the nursing work in the mobile emergency care service of Belo Horizonte. **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 22, n. 1, p. 208-215, 2013.

ARNEMANN, C.; WINTER, L. E. Trabalhadores do SAMU: sujeitos que atuam entre o prazer e o sofrimento. **Revista de Psicologia da IMED**, Passo Fundo, v. 4, n. 1, p. 681-690, 2012. Disponível em:

<https://doi.org/10.18256/2175-5027/psico-imed.v4n1p681-690>. Acesso em: 04 mar. 2019.

AZEVEDO, A. P. F.; FIGUEREDO, V. C. N. Vivências de prazer e sofrimento mental em um Centro de Atenção Psicossocial. **Revista Psicologia Organizações e Trabalho**, Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 30-42, 2015. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.17652/rpot/2015.1.431>. Acesso em 25 abr. 2019.

ARAUJO, R.; LEAL, R. S. **O Trabalho como recurso de auto-realização**. ENGR - II Encontro de Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho. Curitiba: ENGR, 2009.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Decreto n. 5.055, de 27 de abril de 2004**. Brasília, DF: o autor, 2004. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2004/decreto/d5055.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5055.htm)>. Acesso em: 01 fev. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portal da Saúde: Ações e programas - SAMU**. Brasília, DF: o autor, 2017. Disponível em: <http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/o-ministerio/principal/secretarias/951-sas-raiz/dahu-raiz/forca-nacional-do-sus/12-forca-nacional-do-sus/13407-servico-de-atendimento-movel-de-urgencia-samu-192>>. Acesso em: 25 mar. 2019.

DEJOURS, C. **O fator humano**. 1. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1997.

DEJOURS. A metodologia em psicodinâmica do trabalho. In: LANCMAN, S.; SZNELMAN, L. I. (org.). Christophe Dejours: Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. Brasília, DF: Paralelo 15, 2011, p. 125-150.

DEJOURS. **Trabalho Vivo, tomo 2: Trabalho e emancipação**. Brasília, DF: Paralelo 15, 2012.

DEJOURS. **Situations du travail**. Paris: Puf, 2016.

EDWARDS, J. R.; ROTHBARD, N. P. Mechanisms linking work and family: clarifying the relationship between work and family constructs. **The Academy of Management Review**, v. 25, n. 1, p. 178-199, 2000.

FERREIRA, M. C. “Chegar feliz e sair feliz do trabalho”: aportes do reconhecimento no trabalho para uma ergonomia aplicada à qualidade de vida no trabalho. In: MENDES, A. M. (org.). **Trabalho e saúde: O sujeito entre emancipação e servidão**. Curitiba, PR: Juruá, 2011, p. 40-53.

FERREIRA, J. B. Análise clínica do trabalho e processo de subjetivação: um olhar da psicodinâmica do trabalho. In: MENDES, A. M.; MERLO, A. R. C.; MORRONE, C. F.; FACAS E. P. (org.). **Psicodinâmica e Clínica do Trabalho: Temas, interfaces e casos brasileiros**. Curitiba, PR: Juruá, 2012, p. 125-138.

FREITAS, L. G. F.; FACAS, E. P. Vivências de prazer-sofrimento no contexto de trabalho dos professores. **Estudos e Pesquisa em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 7-26, 2013.

GARCIA, A. B.; DELLAROZA, M. S. G.; HADDAD, M. C. L.; PACHEMSHY, L. R. Prazer no trabalho de técnicos de enfermagem do pronto-socorro de um hospital universitário público. **Revista Gaúcha Enfermagem**, Porto Alegre, v. 33, n. 2, p. 153-159, jun. 2012.

GERNET, I. Psicodinâmica do Reconhecimento. In: MENDES, A. M.; MERLO, A. R. C.; MORRONE, C. F.; FACAS, E. P. (org.). **Psicodinâmica e clínica do trabalho: temas, interfaces e casos brasileiros**. Curitiba: Juruá, 2012, p. 61-76

GUIMARÃES, E. P. A.; SILVA, R. F.; SANTOS, J. B. F. Condutores de esperança: condições de trabalho de condutores de Ambulância do SAMU. **O público e o privado**, Fortaleza, v. 25, n. 1, p. 55-75, 2015. Disponível em: <http://www.seer.uece.br/?journal=opublicoeoprivado&page=article&op=vi ew&path%5B%5D=1226>. Acesso em: 10 jun. 2019.

LIMA, E. W. M.; MOTA, M. H. L. V.; ROCHA, F. C. V.; MADEIRA, M. Z. A.; OLIVEIRA, A. D. S. Satisfaction of nurses in service mobile service emergency air. **Revista de Enfermagem da UFPI**, Teresina, v. 4, n. 4, p. 49-55, 2015. Disponível em: <http://www.ojs.ufpi.br/index.php/reufpi/article/view/3504/2861> Acesso em: 10 abr. 2019.

MACEDO, K. B.; BUENO, M. Apresentação. In: BUENO, M.; MACÊDO, K. B. (org.). **Imersões em psicodinâmica do trabalho na arte, gestão e docência na modernidade**. Goiânia, GO: Editora da PUC Goiás, 2016, p. 7-14.

MAXIMO, J. T. A.; CANÇADO V. L.; JEUNON, E. E. **Prazer e Sofrimento no Trabalho: Um estudo de caso dos Cirurgiões-Dentistas da Prefeitura de Betim**. XXXVI Encontro da ANPAD, Rio de Janeiro: ANPAD, p. 1-3. 2012. Disponível em: [http://www.anpad.org.br/admin/pdf/2012\\_GPR627.pdf](http://www.anpad.org.br/admin/pdf/2012_GPR627.pdf). Acesso em: 27 jul. 2019.

MELO, C. F.; MAGALHAES, B. **Salud y trabajo de profesionales de Servicio Móvil Urgencia de Brasil**. VIII Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XXIII Jornadas de Investigación Décimo Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología – Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2016.

MERLO, A. R. C. Sofrimento psíquico e atenção a saúde mental. In: MACÊDO, K. B.; LIMA, J. G.; FLEURY, A. R. D.; CARNEIRO, C. M. S. (org.). **Organização do trabalho e adoecimento: uma visão interdisciplinar**. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2016, p. 199-217.

MORIN, E. M. Os sentidos do trabalho. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 41, n. 3, p. 8-19, 2001.

MORIN, E.; TONELLI, M. J.; PLIOPAS, A. L. V. O trabalho e seus sentidos. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 19, número especial, p. 47-56, 2007. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822007000400008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000400008&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 15 mar. 2019.

ORTIGA, A. M. B. **Avaliação do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência em Santa Catarina**. 2014, 241f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva). Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

RIBEIRO, C. V. S.; MANCIBO, D. O servidor público no mundo do trabalho do século XXI. **Psicologia Ciência Profissão**, Brasília, v. 33, n. 1, p. 192-207, 2013. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932013000100015&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932013000100015&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 15 ago. 2019.

ROCHA, T. B. **Vivências do enfermeiro no Serviço de Atendimento Móvel de Urgência: detalhes de um grande desafio**. 2013, 91f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação da Escola de Enfermagem, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2013.

ROMANZINI, E. M, BOCK, L.F. Concepções e sentimentos de enfermeiros que atuam no atendimento pré-hospitalar sobre a prática e a formação profissional. **Revista Latino Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 18, n. 2, p. 105-112, 2010.

SORAGGI, F.; PASCHOAL, T. Relação entre bem-estar no trabalho, valores pessoais e oportunidades de alcance de valores pessoais no trabalho. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 11, n. 2, p. 614-632, 2011. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812011000200016&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812011000200016&lng=pt&tlng=pt). Acesso em: 28 de ago. 2019.

UCHIDA, S. Organização do trabalho: vivências de sofrimento e prazer. In: MENDES, A. M.; LIMA, S. C. C.; FACAS, E. P. (org.). **Diálogos em psicodinâmica**. Brasília: Paralelo 15, 2007, p. 105-118.